

5º SEMINÁRIO DOUTORAL INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR

Anais
5º IDI
2019

Interculturalidade, Didática e Interações
[HTTPS://5IDIRECIFE.WIXSITE.COM/5IDI](https://5idirecife.wixsite.com/5idi)

ORGANIZAÇÃO/ REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



APOIO





Interculturalidade, Didática e Interações

Anais 5° IDI 2019

5° Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar

Organizadoras

Viviane de Bona

Nisiael de Oliveira Kaufman

Magna do Carmo Silva



RECIFE

CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UFPE

2019



Copyright © 2019 - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio, sem a devida citação. Este produto é baseado em resumos enviados pelos(as) autores(as) e apresentados no 5º Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar, realizado nos dias 28/08/2019 e 04/09/2019. É importante ressaltar que os textos aqui apresentados seguiram as normas, diretrizes e linguagem científica para serem publicados, segundo critérios da comissão científica. Os direitos e responsabilidades sobre os artigos, suas opiniões e revisão do texto são inteiramente dos(as) autores(as) que os enviaram para publicação e não da Comissão Organizadora e da Comissão Científica.

Administração Central da UFPE

Reitor: Professor Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitora: Professora Florisbela de Arruda Câmara e Siqueira Campos

Gestão do Centro Acadêmico

Diretor do Centro de Educação: Alfredo Macedo Gomes

Vice-diretora: Ana Lúcia Félix dos Santos

CORPO EDITORIAL DOS ANAIS 5º SEMINÁRIO DOUTORAL INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR - 5º IDI (2019)

Organizadoras dos Anais:

Viviane de Bona
Nisiael de Oliveira Kaufman
Magna do Carmo Silva

Diagramação e Formatação:

Naomi Maria dos Santos Carneiro Leão
Raab Albuquerque do Santos
Viviane de Bona

Catálogo na fonte

Bibliotecária Natália Nascimento, CRB-4/1743

S471 Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar: interculturalidade, didática e interações. (5. : 2019 : Recife, PE)
Anais [recurso eletrônico]. 5º Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar: interculturalidade, didática e interações, Recife, PE. / [Organizadores]: Viviane de Bona, Nisiael de Oliveira Kaufman, Magna do Carmo Silva. – Recife, UFPE, 2019.

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-00-04986-2

1. Educação – Formação de Professores. 2 Educação - Alfabetização. 3. Ciências – Estudo e ensino. 4. Matemática – Estudo e ensino. I. Bona, Viviane de. II. Kaufman, Nisiael de Oliveira. III. Silva, Magna do Carmo. (Organizadoras). II. Título.

370 (23. ed.)

UFPE (CE2020-003)



COORDENAÇÃO GERAL DO 5° IDI

Jean-Claude Régnier - (UMR 5191 ICAR - Université Lumière Lyon 2, France)

Magna do Carmo Silva - (PPGEdu - UFPE)

Nadja Acioly-Régnier - (UMR 5191 ICAR - Université de Lyon - ESPE- Université Lyon 1 - France)

Vladimir Andrade - (PPGEC-UFRPE)

Ywanoska Gama - (Dep. Educação - UFRPE)

COMISSÃO CIENTÍFICA DO 5° IDI

Jean-Claude Régnier - (UMR 5191 ICAR - Université Lumière Lyon 2, France)

Jean-Marie Besse – (Université Lumière-Lyon2)

Magna do Carmo Silva – (PPGEdu - UFPE)

Nadja Acioly-Régnier - (UMR 5191 ICAR - Université de Lyon - ESPE- Université Lyon 1 - France)

Nelson Antonio Pirola – (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

Saddo Ag Almouloud – (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP)

Telma Ferraz Leal - (PPGEdu - UFPE)

Thais Scotti do Canto Dorow – (Centro Universitário Franciscano)

Viviane de Bona - (PPGEdu - UFPE)

Vladimir Lira Vêras Xavier de Andrade – (PPGEC-UFRPE)

COMITÊ INTERNO DA 1ª JORNADA (UFPE)

Professores/as

Ana Lúcia Felix dos Santos

Magna do Carmo Silva

Paulo Julião da Silva

Ramon de Oliveira

Sérgio Paulino Abranches

Viviane de Bona

Técnicos/as

Nisiael de Oliveira Kaufman

Raab Albuquerque dos Santos

Shirley Cristiane Monteiro da Silva

Valdicea Alves Rodrigues



Estudantes

Ana Maria Mateus De Sousa
Bárbara Cristina Oliveira Macedo
Dáfine Kelly De Oliveira Santos
Douglas Felipe Candido Dos Santos
Edna Lúcia Frazão Da Silva Coelho
Gizele Cristina Da Silva Purificação
Irly Da Silva Ferreira
Jade Fernandes Duarte De Araújo
Marcela Karolinny Da Silva Costa
Naomi Maria Dos Santos Carneiro Leão
Tialy Nascimento De Lima
Victoria Luiza Ramos Da Silva
Yasmin Bezerra Cavalcanti Emiliano

Pareceristas

Débora Paula Martins Da Silva
Elisana Rosa De Araújo Souza Cavalcanti
Fabiana Gonçalves Vila Verde
Joel Severino Da Silva
Mayara Aparecida Spíndola Palácio
Nisiael De Oliveira Kaufman
Valdirene Moura Da Silva
Vanessa Brandão Pereira
Vanessa Nicolau F. Santos

Avaliadores/as (Sessão Poster):

Nisiael De Oliveira Kaufman
Paulo Julião Da Silva
Shirley Cristiane Monteiro Da Silva

COMITÊ INTERNO DA 2ª JORNADA (UFRPE)

Professores/as

Ana Maria dos Anjos Carneiro Leão
Carmen Roselaine de Oliveira Farias
Elisângela Bastos de Melo Espíndola
Vladimir Lira Véras Xavier de Andrade
Ywanoska Gama

Estudantes

Andreza Rodrigues da Silva
Camila Ingrid da Silva Lindozo
David Gadelha da Costa
Gabriel Soares Gomes
Romulo André Vicente



SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 TEXTOS APRESENTADOS NA 1ª JORNADA – UFPE	7
A AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE AS ORIENTAÇÕES OFICIAIS E AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS	8
ALFABETIZAÇÃO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC).....	10
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO	12
AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA A FORMAÇÃO DE PRODUTORES DE TEXTOS	14
A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	16
AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NO GRUPO V DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIFERENTES REDES DE ENSINO NA ILHA DE ITAMARACÁ: O QUE ORIENTAM OS DOCUMENTOS? O QUE PENSAM AS PROFESSORAS?	18
EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: UM ESTUDO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS	20
HETEROGENEIDADE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	22
LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA?.....	24
NEURODESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO DE CRIANÇA COM TEA: IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO PRECOCE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	26
OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA EJA.....	28
PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA À LUZ DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRECONIZADA NO PNAIC	30
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: A VIDA EM BIOGRAFEMA.....	32
PROGRAMA MAIS ALFABETIZAÇÃO E SUA RECEPÇÃO POR PROFESSORES E GESTORES: AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM OS PROCESSOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	34
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LEITURA ENTRE ESTUDANTES DE CORREÇÃO DE FLUXO ESCOLAR	36
3 TEXTOS APRESENTADOS NA 2ª JORNADA – UFRPE	38
A TEORIA DOS CAMPOS CONCEITUAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	39
IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DO PERFIL MULTICULTURAL DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA.....	41
PROCESSOS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMA MATEMÁTICO SOB A ÓPTICA DA METACOGNIÇÃO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES XADREZISTAS E NÃO XADREZISTAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	43



1 APRESENTAÇÃO

O 5º Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar tem sua realização no quadro de Cooperação entre a INSPE (ex-ESPE) – Université Claude Bernard Lyon 1, a Université Lumière Lyon 2, a Universidade Federal de Pernambuco, o Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco e as atividades dos laboratórios: EA 4571 Educação, Cultura, Política; UMR 5191 ICAR (ICAR2-ADIS-Sciences); da Escola doutoral ED485 EPIC; National Research Tomsk State University. Na Universidade Federal de Pernambuco contou com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGedu), do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC), do Centro de Educação, do Grupo de Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita: avaliação, práticas e políticas (ALEP) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades (GEPIFHRI).

Com a temática geral **Interculturalidade, Didáticas e Interações**, o Seminário foi realizado em duas jornadas. A primeira aconteceu no dia 28 de agosto de 2019, no centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE abordando o subtema: **A Formação de Professores e Alfabetização: Questões teóricas e metodológicas**. A segunda jornada ocorreu no dia 04 de setembro de 2019, no Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, com o subtema: **Formação de Professores no Ensino de Ciências e Matemática: Perspectivas Interculturais**.

As duas jornadas, que deram corpo ao Seminário, contemplaram Palestras, Mesas-Redondas e Debates com convidados nacionais e internacionais, bem como sessão de pôster com o objetivo de divulgar pesquisas concluídas ou em andamento, originárias de Trabalhos Acadêmicos de Conclusão de Curso (TCC), Mestrado e Doutorado), desenvolvidas nas áreas temáticas de cada jornada.

Compartilhamos aqui os trabalhos que foram submetidos, avaliados e apresentados durante o 5º Seminário Doutoral Internacional Interdisciplinar: 5º IDI 2019.



2 TEXTOS APRESENTADOS NA 1ª JORNADA – UFPE

Tema:

**A Formação de Professores e Alfabetização:
Questões teóricas e metodológicas**

A AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE AS ORIENTAÇÕES OFICIAIS E AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS

Irly da Silva Ferreira ¹
Ana Maria Mateus ²
Magna do Carmo Silva ³

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da UFPE - e-mail: irly.ferreira@gmail.com

² Graduada do Curso de Pedagogia da UFPE - e-mail: aninha_26azul@hotmail.com

³ Docente/Pesquisador do Depto de Psicologia e Orientação Educacionais da UFPE - e-mail: magna_csc@yahoo.com.br

Introdução: Este artigo tem por objetivo analisar o que pensam as professoras sobre as práticas avaliativas da leitura e da compreensão leitora no ciclo de alfabetização e a relação com as orientações da Secretaria da Educação do Recife (SEDUC). Para a discussão teórica, inicialmente, refletimos sobre a *avaliação da leitura e da compreensão leitora*. Sendo assim, destacamos os paradigmas no ensino de Língua Portuguesa e, mais especificadamente em leitura, pautados em Suassuna (2006): o tradicional, que tem a finalidade classificatória por meio do uso exames padronizados, e o construtivista, caracterizado pela avaliação reguladora ou formativa. Ao tratarmos dos *procedimentos quanto à avaliação da compreensão leitora*, destacamos a necessidade de situações que promovam a análise de aspectos importantes do texto pelo aluno por intermédio da expressão oral ou escrita. Por fim, *refletimos sobre os tipos de avaliação*: diagnóstica, que verifica os conhecimentos prévios da criança; formativa, que tem a função de acompanhar o aprendizado da criança; e a somativa que faz parte do processo avaliativo contínuo (HOFFMAN, 1995). Os critérios e instrumentos de avaliação devem considerar os erros como parte do processo (DEPRESBITERIS, 2009).

Metodologia: Usamos a entrevista semiestruturada com três professoras (do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental dessa rede) e a análise documental das orientações oficiais (da Proposta Curricular/Matriz (PC) e do Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)). Para tratamento e análise dos dados, recorreremos às técnicas metodológicas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Resultados e discussões: Os resultados baseados nas *orientações oficiais* apontam que o PNAIC e o PC trouxeram, de forma individualizada, alguns elementos importantes para a compreensão, planejamento e execução do processo de avaliação da leitura no ciclo de alfabetização. Destacamos que nenhum documento trouxe completamente todas as informações relacionadas à concepção, instrumentos, critérios, objetivos, descritores, indicadores, formas de intervenção, tratamento do erro e da diversidade em relação ao processo avaliativo da leitura. Além disso, não há proposta de sistematização quanto ao processo avaliativo da leitura e da compreensão leitora. Em relação à *opinião das professoras quanto às práticas*



avaliativas da leitura, os resultados apontam que elas buscam por uma prática de leitura que compreenda decodificação, fluência e compreensão de textos. No entanto, apesar de utilizarem diversos instrumentos, elas não conduzem o processo de avaliação com clareza a partir de um planejamento. Possuem dificuldade ao trabalhar com a diversidade de conhecimentos dos alunos e de avaliá-los considerando a heterogeneidade de aprendizagens. Para as professoras, há uma dicotomia entre as orientações oficiais e as possibilidades efetivas de as crianças se apropriarem do que é previsto.

Conclusões: Ressaltamos a importância de uma sistematização nas orientações oficiais do processo avaliativo da leitura para dar subsídio aos docentes quanto às práticas avaliativas. Sem ela, os docentes correm o risco de desenvolver as práticas avaliativas equivocadas, tendo como foco apenas a avaliação somativa da leitura para fins de quantificação, decodificação e fluência, sem avaliar leitora de forma intencional e planejada a capacidade de compreensão.

Palavras-Chave: Práticas avaliativas; Compreensão Leitora; Ciclo de Alfabetização.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DEPRESBITERIS, Léa. **Diversificar é preciso...** instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SUASSUNA, Livia. Paradigmas de avaliação: Uma visão panorâmica. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA; Livia. **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para prática pedagógica**. Belo Horizonte: autêntica, 2006.

ALFABETIZAÇÃO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Brenda de Chaves e Silva ¹
Sônia Regina da Luz Matos ²

¹ Professora do Município de Caxias do Sul e Pedagoga - Universidade de Caxias do Sul – UCS - e-mail: bcsilva9@ucs.br

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado - Universidade de Caxias do Sul – UCS - e-mail: srlmatos@ucs.br

Introdução: O presente trabalho é o resultado da pesquisa de monografia realizada no Curso de Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Ela aborda o tema alfabetização e a BNCC. Nos perguntávamos nessa investigação sobre: a BNCC, no que diz respeito ao ciclo de alfabetização, considera os estudos do livro da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999)? Para tanto, foi preciso estabelecer os seguintes objetivos: a) descrever a estrutura do documento da BNCC, considerando a sua proposta de alfabetização; b) descrever a história da alfabetização do Brasil, localizando o conceito da psicogênese e o livro Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) - especificamente o capítulo 6; c) identificar na história da alfabetização do Brasil a proposta da alfabetização da BNCC; d) comparar se a proposta de alfabetização apresentada pela BNCC considera o livro Psicogênese da Língua Escrita (capítulo 6). Existe uma relevância no tema e particularmente nesse problema de pesquisa a partir do momento em que a BNCC se torna uma referência de âmbito nacional para a formulação dos currículos e propostas pedagógicas das instituições de educação. Atrelada junto às demais políticas públicas da Educação Básica, a BNCC produz um grande impacto nacional devido ao seu alinhamento com políticas em todos os âmbitos referentes à nova formação dos docentes, avaliação e elaboração dos conteúdos escolares pelas intuições, bem como a oferta de uma estrutura.

Metodologia: A metodologia desenvolvida foi de cunho qualitativo com análise documental: o texto da BNCC, parte da proposta de alfabetização, de modo que foi possível conhecer como a alfabetização se constitui no documento; e o livro de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Psicogênese da Língua Escrita (1999), - especificamente o capítulo 6. Com o texto da BNCC e o livro, direcionou-se a pesquisa para a perceptiva histórica, dentro da história da alfabetização nacional. Optou-se por analisar o documento e o capítulo do livro, com as etapas de estudo documental, do autor Gil (2002) e também a análise textual discursiva, as unidades de sentido, do autor Moraes (2007).

Resultados e discussões: Após uma leitura analítica sobre a história da alfabetização no Brasil e documento da BNCC levantou-se um importante apontamento que a BNCC no que diz respeito à alfabetização dentro de suas habilidades e competências propostas para o 1º ano dos anos iniciais apresentou um método de alfabetização. O método baseado nas ideias de um tipo de método que na história da alfabetização foi denominado como método fônico.



Conclusões: Ao concluir o trabalho e voltando ao problema de pesquisa podemos dizer de que o documento da BNCC não incorpora os conhecimentos produzidos na psicogênese da língua escrita, constatados no percurso desde dos anos 80, na história da alfabetização. E, o tal documento também não cita a epistemologia construtivista em sua proposta curricular. Constatamos que tem um certo retrocesso na BNCC, se considerarmos a história da alfabetização; pois o discurso dos métodos de alfabetização em torno da alfabetização com foco na linguística mecanicista e não na alfabetização como parte da cultura e da linguagem escrita e lida. Talvez, estejamos diante de uma política pública que investe num retrocesso na formação de professores de alfabetização, voltada para o ensino mecanicista dos fonemas, ou seja, da língua escrita e lida como uma mera instrumentalização.

Palavras-chave: Alfabetização; Psicogênese; Base Nacional Comum Curricular.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **Procedimento de escritura e infectologia na alfabetização de crianças:** abordagens cruzadas entre filosofia da diferença e a psicologia intelectual. 2014. 203 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, UFRGS/Lyon 2, Porto Alegre, Lyon, 2014. Cap. 1

MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e letramento**. São Paulo: Unesp, 2004. 136 p.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO

Ana Rúbia Arruda da Silva ¹
Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral ²

¹ Licenciada em Pedagogia - DED – UFRPE – e-mail: rubia.arruda38@gmail.com;

² Docente do Depto de Educação – DED – UFRPE – e-mail: anacatarinacabral@yahoo.com.br

Introdução: Na perspectiva do Letramento, não basta o sujeito aprender a ler e escrever. Ele precisa apropriar-se da leitura e da escrita e fazer uso real destas (SOARES, 2003). No entanto, ainda é muito comum encontrarmos crianças, ao final do ensino fundamental, apresentando dificuldades de aprendizagem em relação à leitura e à escrita. Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a prática pedagógica de uma professora que leciona em uma turma do 5º ano do ensino fundamental I, a fim de compreender como promove a aprendizagem da leitura e da escrita. Para isso, procuramos mais especificamente, analisar como organizava a sua prática pedagógica para o ensino da leitura e da escrita; identificar quais recursos didáticos utilizados; identificar o que a professora compreende sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita; analisar os conhecimentos construídos pelos estudantes, ao longo das atividades propostas pela docente.

Metodologia: Sendo assim, foi realizado um estudo de caso, numa turma do 5º ano do ensino fundamental. Para coleta dos dados foi feita uma entrevista semiestruturada com a professora; dez observações sistemáticas; duas diagnoses com os aprendizes (avaliar a capacidade de compreensão leitora e produção textual). Para análise dos dados nos inspiramos na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Resultados e discussões: A partir das observações, identificamos que as atividades propostas pela docente contemplaram os eixos de Leitura, Produção Textual e Análise Linguística. Em relação ao ensino de Leitura, houve o uso frequente da leitura na sala de aula, seja compartilhada ou individual, desenvolvida por meio de diversos gêneros textuais. Também identificamos a leitura de textos para o ensino de outros componentes curriculares. Além disso, ocorreram momentos em que a professora trabalhava algumas estratégias de compreensão leitora, principalmente, as que estavam presentes no Livro didático. Entretanto, em relação à produção textual, só foi identificada uma única atividade de casa, e, mesmo assim, durante os dias de observação, não houve a refacção dos textos produzidos, porém na entrevista, a docente considerou esse tipo de atividade muito importante. Em relação aos conhecimentos construídos pelos estudantes identificamos que poucas crianças liam com fluência, respeitando a pontuação e a entonação da fala dos personagens. Quanto à compreensão leitora, verificamos que a grande maioria dos estudantes não teve dificuldades em responder as questões referentes à capacidade de localização de informação, elaborar inferência e reconhecer finalidade do texto. Já à capacidade de estabelecer relação entre partes do texto, apresentou um pequeno número de



acertos. Em relação aos conhecimentos relativos à produção textual, a maioria das crianças produziu textos legíveis, apresentando coerência, mas com poucos usos de elementos coesivos, cometendo algumas violações ortográficas.

Conclusões: Diante do exposto, concluímos que o ensino da leitura e da escrita deve ser uma prática sistemática do professor, sobretudo com aquelas crianças que demonstram maiores dificuldades de aprendizagem, devendo o mesmo planejar previamente as suas aulas, tendo em vista os objetivos a serem alcançados. Para isso, ratificamos que é fundamental que o professor tenha domínio do objeto a ser ensinado (SOARES, 2018).

Palavras-Chave: Escrita; Leitura; Ensino.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

MORAIS, Artur Gomes de (Org.). **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ª ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018. 384 p.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA A FORMAÇÃO DE PRODUTORES DE TEXTOS

Adjane Melo da Silva ¹

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral ²

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia - DED - UFRPE –
e-mail: meloadjane21@gmail.com

² Docente/pesquisadora do Depto de Educação - DED - UFRPE –
e-mail: anacatarinacabral@yahoo.com.br

Introdução: Produzir textos escritos é uma atividade complexa que envolve aspectos sociais, cognitivos e linguísticos, exigindo do escritor certas habilidades que podem ser desenvolvidas a partir do trabalho com a produção de textos. Além da escrita estar presente no espaço escolar, ela permeia outros espaços sociais, sendo de suma importância, para que possamos nos comunicar com outros sujeitos. Segundo Leal e Melo (2007), a produção de textos escritos é uma atividade de interação social. O trabalho envolvendo histórias em quadrinhos pode incentivar o aprendizado da leitura e da escrita, bem como ser uma ferramenta pedagógica que auxilia na aprendizagem dos diversos componentes curriculares no ambiente escolar. Diante do exposto, tivemos como objetivo geral: analisar as contribuições do gênero textual história em quadrinhos para a formação de produtores de textos a partir de uma sequência didática, envolvendo o tema a história do Recife. Nos propusemos especificamente a: Avaliar as habilidades de produção escrita dos estudantes e os conhecimentos em relação ao gênero textual história em quadrinhos; aplicar uma sequência didática envolvendo a produção de textos escritos, a partir do gênero textual história em quadrinhos; analisar os conhecimentos que foram construídos pelos estudantes ao longo da sequência didática. Esta pesquisa torna-se relevante porque proporciona aos educadores, conhecimentos sobre os procedimentos metodológicos necessários à formação de produtores de textos e aborda sobre um gênero textual facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita, aspecto tão importante em nossa sociedade grafocêntrica.

Metodologia: Utilizamos uma abordagem qualitativa, partindo de um estudo de caso com estudantes do 4º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal do Recife. Quanto aos procedimentos metodológicos: aplicamos uma diagnose inicial para verificar as habilidades de escrita dos estudantes e os seus conhecimentos sobre o gênero textual história em quadrinhos. Em seguida, aplicou-se uma sequência didática visando produzir com os estudantes, histórias em quadrinhos sobre a cidade do Recife.

Resultados e discussões: Verificou-se que os estudantes já possuíam alguns conhecimentos prévios em relação ao gênero textual história em quadrinhos, sendo capazes de identificar elementos básicos que caracterizam esse gênero (personagens de histórias, balões, alguns recursos gráficos). Porém, constatou-se que apresentaram dificuldades em relação à produção de textos escritos, problemas ortográficos, ausência de pontuação, frases iniciadas com letras minúsculas e

dificuldades de criação e seleção de ideias. Segundo Silva e Melo (2007), a escrita é realmente uma atividade complexa, pois envolve aspectos sociais, cognitivos e linguísticos.

Conclusões: Consideramos que o gênero textual história em quadrinhos é um material acessível e faz parte do universo das crianças. Desta maneira, contribuiu para que os estudantes se sentissem estimulados por essa atividade de produção textual. Porém, devido às dificuldades de escrita que apresentavam, por vezes, acabaram priorizando a linguagem não-verbal. Portanto, quando os professores estiverem trabalhando com esse gênero, precisam ficar atentos, para que ambas as linguagens sejam estimuladas e desenvolvidas. Além disso, concluímos que as histórias em quadrinhos, contribuem para inserir as crianças nas práticas de leitura, permitindo a compreensão de temáticas importantes, por meio de uma linguagem simples.

Palavras-chave: história em quadrinhos; textos escritos; história local.

Referências

BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela.; VEGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 4.ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em Quadrinhos na Educação**. Salvador: Quadro a quadro, 2017.

SILVA, Alexsandro da.; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. 1ªed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

A REVISTA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Hadassa dos Santos Beserra ¹
Orientador/a: Prof. Dr. Fabiana Cristina da Silva ²

¹ Estudante do Curso de Pedagogia - DI – UFRPE – e-mail: hadassadoss.beserra@gmail.com

² Docente/pesquisador do Depto de Educação – DI – UFRPE – e-mail: fabianadeufrpe@gmail.com

Introdução: A leitura é uma importante ferramenta para a formação do indivíduo, em especial, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é nesse período que os conhecimentos adquiridos pelas crianças a respeito da língua escrita terão grande impacto no desenvolvimento delas enquanto leitoras e cidadãs ao longo de suas vidas. Foi a partir da compreensão do quanto o ato da leitura pode ser significativo para o indivíduo, de que as práticas de leitura devem ultrapassar os muros da escola, e da vivência como docente na Escola Bíblica Dominical, que surgiu o interesse de analisar o conteúdo de leitura que é ofertado para as crianças dentro desse espaço de educação não formal, procurando entender se e como esse conteúdo obedece ao que determina a Base Nacional Comum Curricular para o ensino da Língua Portuguesa, contribuindo assim para um maior grau de letramento. Para tal, procuramos examinar se o conteúdo das revistas infantis contempla um dos eixos da BNCC, o da leitura, e proporciona situações para desenvolver algumas habilidades inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão.

Metodologia: Para construção da pesquisa foi realizada a análise de conteúdo das revistas bíblicas utilizadas no espaço da Escola Bíblica Dominical, na classe dos juniores, que são oferecidas à crianças de 9 e 10 anos, com os objetivos de identificar na revista analisada o eixo da leitura; indicar como a linguagem utilizada nos textos podem ajudar no ensino da língua portuguesa e auxiliar na compreensão e/ou utilização metáforas; Identificar, categorizar e analisar o conteúdo das parábolas contidas na lição “As histórias de Jesus” e sua relação com esse eixo da BNCC de Língua Portuguesa; e encontrar as adaptações realizadas, ou não, em relação as histórias descritas na bíblia, que objetivam a compreensão dos textos.

Resultados e discussões: Durante a análise foi possível identificar um padrão dentro da revista dos Juniores. Cada lição é dividida em 15 seções, são elas: Título, referência bíblica, saber mais, para meditar, objetivo, memorizando, materiais para as atividades, para começar, explorando as escrituras, bate-papo, vocabulário, boa ideia, respostas, você sabia?, e até a próxima. Dentro dessas sessões, conseguimos reconhecer nas atividades propostas e nos textos disponíveis a presença de elementos que proporcionam, por exemplo, o estabelecimento de relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças – como na sessão bate-papo –, e que são aspectos que precisam ser trabalhados pelos docentes ao ensinar estratégias e procedimentos de leitura.



Conclusões: A Escola Bíblica Dominical é um espaço educacional não formal, que acontece dentro das igrejas, e que proporciona conhecimentos específicos através da leitura e discursos orais para crianças, jovens e adultos de todas as idades. Dentro deste espaço, foi possível perceber que em um dos materiais que é utilizado, a revista bíblica dominical, há o estímulo de habilidades que são necessárias para os indivíduos consigam desenvolver uma boa leitura e escrita, e que fazem parte dos aspectos que precisam ser trabalhados no ensino da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Educação não-formal; Língua Portuguesa; Leitura.

Referências

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. Práticas de leitura no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: Julho. 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf. Acesso em: 18 de maio de 2018.

AValiação DA Linguagem Escrita NO GRUPO V DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIFERENTES REDES DE ENSINO NA ILHA DE ITAMARACÁ: O QUE ORIENTAM OS DOCUMENTOS? O QUE PENSAM AS PROFESSORAS?

Amanda Kelly da Silva Araujo ¹
Magna do Carmo Silva ²

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da UFPE – e-mail: kellyaraujo.ak@gmail.com

² Docente/Pesquisador do Depto de Psicologia e Orientação Educacionais da UFPE-
e-mail: magna_csc@yahoo.com.br

Introdução: O presente trabalho teve como objetivo investigar quais são as orientações oficiais e o que pensam as professoras sobre a avaliação da linguagem escrita para o Grupo V da Educação Infantil (EI) nas redes pública e privada na Ilha de Itamaracá. Para isso, nossa fundamentação teórica se baseou em: Zabala (1998), Hoffman (1991, 2008), Depresbiteris (2009), Kramer (2006), Brandão e Rosa (2010), Albuquerque e Morais (2007), Morais (2012), Silva e Lima (2014), dentre outros. Este bloco foi organizado em três tópicos: (i) tratamos dos paradigmas da avaliação e sua relação com as abordagens condutivista e construtivista, as concepções de avaliação (diagnóstica, formativa e somativa), os critérios e os instrumentos avaliativos; (ii) apresentamos como os documentos oficiais nacionais (Referencial curricular da Educação Infantil, Diretrizes curriculares para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular) orientam sobre o processo de avaliação da Linguagem escrita na EI; (iii) apresentamos as questões teóricas relacionadas à avaliação da linguagem escrita na EI bem como pesquisas que discutem possibilidades de encaminhamentos metodológicos para essa prática.

Metodologia: Participaram da pesquisa seis professoras da EI (três de escola particular e três de escola pública). As professoras eram de escolas diferentes. Nossos procedimentos metodológicos (MINAYO, 2001) foram: análise documental dos documentos norteadores de cada escola e entrevista com as docentes. Aplicamos um questionário para levantar o perfil das professoras.

Resultados e discussões: Os resultados indicaram, nos documentos norteadores, a ausência de orientações quanto ao processo avaliativo da linguagem escrita na EI. Esses documentos traziam orientações amplas quanto ao processo avaliativo em geral e não consideravam os elementos que compõem esse processo de forma específica, tais como: instrumentos, critérios, orientações quanto ao tratamento adequado dado ao erro, consideração da heterogeneidade, dentre outros. Do ponto de vista do discurso das professoras, encontramos muita semelhança com o que está posto nos documentos oficiais. Elas apresentaram uma perspectiva formativa de avaliação, sem, contudo, indicarem elementos claros de como esse processo se daria ao longo das atividades voltadas à linguagem escrita. Há, portanto, indícios de que o processo avaliativo, conduzido por elas, não passaria por um planejamento, sendo

este executado de forma pontual quer por meio de atividades diárias, sem intencionalidade avaliativa, quer por meio das avaliações aplicadas pela rede.

Conclusões: Nossa pesquisa indica a necessidade de maior clareza nos documentos presentes nos municípios e nas escolas quanto ao processo de ensino e avaliação da linguagem escrita na EI, tendo em vista que a criança nessa etapa elabora conhecimentos sobre esse objeto de conhecimento que precisa ser acompanhado e monitorado a fim de que ela venha se apropriar dele, a cada dia, de forma mais ativa, crítica, criativa e interativa na sociedade. Além disso, o discurso das professoras, apesar de ser coerente e atual, do ponto de vista da concepção avaliativa, indica que elas, ainda, possuem dificuldade em compreender os elementos constituintes desse processo e de fazer uso, de forma planejada, de ferramentas que lhes deem segurança quanto a como, quando, por quê, para quê, quando e onde avaliar a linguagem escrita da criança na EI.

Palavras chaves: Avaliação; Educação Infantil; Linguagem Escrita.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G. Avaliação e Alfabetização. In: MARCUSCHI, B. e SUASSUNA, L. (Orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica.** Autêntica, Belo Horizonte, 2007

BRANDÃO, A. C; ROSA, E. C. (org). **Ler e Escrever na Educação Infantil –** Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil.** Resolução CNE/CEB 5/2009a. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de Dezembro de 2009a, Seção 1.

_____. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2018.

DEPESBITERIS, L. **Diversificar é preciso...** Instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem. São Paulo: Editora Senac, 2009.

ITAMARACÁ. Escola 1. **Projeto Político Pedagógico.** Itamaracá. 2017.

_____. Secretaria de Educação Municipal de Ensino. **Proposta Curricular Municipal de Ensino.** Itamaracá. 2014.

_____. Escola 2. **Projeto Político Pedagógico.** Itamaracá. 2005.

EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: UM ESTUDO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS

Marilia Silva Ribeiro Campelo ¹
Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral ²

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia - DED – UFRPE –
e-mail: mariliacampeloribeiro@gmail.com

² Docente do Depto de Educação – DED – UFRPE – e-mail: anacatarinacabral@yahoo.com.br

Introdução: Os livros didáticos vêm sendo introduzidos na Educação Infantil, em algumas redes municipais, sem nenhum tipo de avaliação, com a defesa de que possibilitariam maior clareza em relação aos conteúdos a serem ensinados; ajudariam os professores que tiveram uma baixa qualidade na sua formação; ajudariam os pais a terem acesso ao que está sendo ensinado aos seus filhos na escola; dentre outras afirmativas. Diante do exposto, analisamos um livro didático voltado ao último ano da educação infantil e as suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Mais especificadamente, nos propusemos analisar a concepção dos autores dos livros didáticos sobre o ensino e aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA); analisar a influência das novas perspectivas de ensino na seleção e estruturação das atividades voltadas ao ensino do SEA; analisar as propostas de avaliação voltadas para o ensino do SEA; identificar nos livros didáticos as estratégias de articulação entre as atividades voltadas ao ensino do SEA e as práticas de leitura e produção de texto.

Metodologia: A pesquisa foi de natureza qualitativa (MINAYO, 2009). Realizamos uma análise documental da Coleção, destinada ao último ano da Educação Infantil, “Descobrir e Aprender”, utilizada no município de Jaboatão dos Guararapes-PE, no ano de 2018. Para análise dos dados, nos inspiramos na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Resultados e Discussões: O livro didático (LD) apresentou diferentes propostas para aquisição do sistema de escrita alfabética, priorizando textos que exploravam o extrato sonoro da língua. No entanto, havia poucas propostas envolvendo o trabalho de análise fonológica. A obra ainda apresentou sugestões voltadas ao professor, com alternativas e abordagens para o planejamento da aula, numa perspectiva prescritiva, criando poucas sugestões que permitiam ao docente refletir sobre a sua prática. O LD sugeriu algumas propostas envolvendo brincadeiras, adivinhações e jogos, mas essas atividades não aconteceram de forma sistemática, o que pode tornar o material, pouco atrativo para as crianças desta faixa etária.

Conclusões: A partir da análise da obra, percebemos que as atividades propostas criam poucas possibilidades das crianças aprenderem sobre a língua de forma prazerosa e reflexiva (BRANDÃO; LEAL, 2010). Além disso, a coleção apresentou poucas situações envolvendo as experiências infantis com as diferentes linguagens. Acreditamos que o PNLD tem contribuído com os professores do ensino fundamental



a escolherem livros didáticos de qualidade. Defendemos que também deveria haver uma avaliação dos recursos didáticos, voltados para Educação Infantil, que são adotados nas escolas públicas do nosso País. Além disso, consideramos importante o desenvolvimento de pesquisas que nos ajudem a refletir, se de fato, o livro didático, deveria circular nas turmas da educação infantil.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação Infantil; Livro Didático.

Referências

ARAUJO, Liane de.; Ler, escrever e brincar na educação infantil: Uma dicotomia mal colocada; **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 24, mai/ago de 2017.

BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F.; Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOITO, Crisliane; BARBOSA, M; GOBBATO, C; Livro didático na educação infantil: de que docência estamos falando? **Reunião Científica Regional da ANPED**. Curitiba/Paraná, 2016.

HETEROGENEIDADE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Débora Paula Martins da Silva ¹
Orientadora: Telma Ferraz Leal ²

¹ Graduada em Pedagogia – CE – UFPE, Mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEdu/UFPE – e-mail: debora-martins@hotmail.com

² Docente/pesquisador do Depto de Métodos e Técnicas de Ensino – CE/UFPE - e-mail: telmaferrazleal36@gmail.com

Introdução: Este trabalho trata da heterogeneidade no ciclo de alfabetização. Conforme Leal, Sá e Silva (2016), o termo heterogeneidade é conceituado como de outro gênero, de outra natureza, de diferentes raças. É, pois, um fenômeno presente em qualquer espaço social. Segundo as autoras citadas, no trato com a heterogeneidade é necessário reconhecer que as semelhanças também devem ser percebidas no ambiente escolar. Deste modo, é de suma importância pesquisas que busquem analisar como a heterogeneidade vem sendo trabalhada em sala de aula, bem como quais as dificuldades enfrentadas pelos professores para se trabalhar com turmas heterogêneas em vários sentidos. Assim, o presente trabalho teve como objetivo analisar aulas de três docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (primeiro, segundo e terceiro anos) para investigar que estratégias didáticas são utilizadas para lidar com a heterogeneidade em sala de aula no ensino da leitura e da escrita e os modos como medeiam as interações, considerando os diferentes tipos de heterogeneidade.

Metodologia: A pesquisa foi realizada no Município de Jaboatão dos Guararapes – PE. Para a produção dos dados foram realizadas 23 observações em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo 06 no 1º, 8 no 2º e 09 no 3º. Para tal, foi utilizado um caderno de campo para diferentes anotações: horário de início de cada atividade, descrição das atividades realizadas e dos modos como os estudantes estavam agrupados e impressões da observadora. As aulas foram gravadas e transcritas para junto com o caderno de campo comporem os relatórios de aulas. Os dados foram analisados segundo a perspectiva de Análise de Conteúdo, Bardin (1977).

Resultados e discussões: Foi investigado se havia algum tipo de estratégia para lidar com quatro tipos principais de heterogeneidade: 1. Heterogeneidades sociais e econômicas, 2. Heterogeneidades relativas à educação especial, 3. Heterogeneidades de percurso escolar e 4. Heterogeneidades individuais. Dentre os tipos investigados, foi possível verificar que, de modo geral, todas as macrocategorias foram contempladas, no entanto, de modo pouco recorrente e com concentração em apenas um subtipo de heterogeneidade. Em relação à primeira macrocategoria, foram identificadas atividades ou estratégias de mediação relativas à heterogeneidade do tipo etnicorracial. Em relação à segunda macrocategoria, foram identificadas ações



para lidar com a heterogeneidade de deficiência intelectual. No que se refere à terceira, foram identificadas estratégias para lidar com diferentes níveis de conhecimento, e quanto à quarta, estratégias para lidar com a heterogeneidade de ritmos de aprendizagem.

Conclusões: Concluimos que a discussão sobre a heterogeneidade dentro do espaço escolar é de suma importância, pois é preciso garantir a participação de todas as crianças nas atividades pedagógicas. Faz-se necessário que os professores criem situações didáticas em que todas as crianças possam participar ativamente e frente a isto ampliem os conhecimentos/aprendizagens. Diante disto, evidencia-se que as atividades propostas em sala de aula não devem priorizar apenas determinado grupo, mas, devem ser adequadas ou adaptadas para todos os alunos, a fim de garantir a efetiva aprendizagem, visto que uma atividade que privilegia um grupo não provoca aprendizagem no outro, como destaca Perrenoud (2001).

Palavras-chave: Heterogeneidade; Alfabetização; Práticas Pedagógicas.

Agência de fomento: CNPq.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina Figueiredo de; SILVA, Elaine Cristina Nascimento da. (Org.). Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade. In: LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina Figueiredo de; SILVA, Elaine Cristina Nascimento da. **Heterogeneidade o que estamos falando?** Editora Universitária da UFPE, 2016. p. 8-34.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociedade do fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA?

Alexsandra Felix de Lima Sousa ¹
Orientadora: Dra. Débora Amorim Gomes Costa-Maciel ²

¹ Mestra em Educação – UPE - e-mail: ale.sandraftsousa@gmail.com

² Docente/Pesquisadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação – UPE - e-mail: deboracostamaciel@gmail.com

Introdução: Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco (PPGE/UPE), na linha de Pesquisa de Formação de Professores, em que foram investigadas as demandas de formação continuada de docentes atuantes no primeiro ano do ciclo de alfabetização, para o trato com o ensino da leitura, em busca de estabelecer uma proposta formativa com vistas à superação das necessidades sinalizadas pelas professoras. Tal abordagem se ancora em uma perspectiva de educação enquanto direito, que concebe o acesso à leitura e à escrita como um instrumento fundamental para o pleno exercício da cidadania, em especial, na nossa cultura que é essencialmente grafocêntrica (SOARES, 2015).

Metodologia: A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa numa perspectiva interpretativo-interacionista (OLIVEIRA, 2001). Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada, individual, com quatro professoras atuantes no 1º ano do ciclo de alfabetização da Rede Municipal de Ensino do Recife, bem como a discussão, por cada professora, das respostas dadas por seus pares no contexto da entrevista. Os dados foram submetidos à análise dos conteúdos, com vistas à interpretação dos significados neles contidos (BARDIN, 1977).

Resultados e discussões: Da imersão nos dados emergiram três categorias de análise: i) finalidades para o ensino da leitura; ii) perspectivas docentes sobre conteúdos/temáticas para formação continuada de professores/as; iii) sistemática das formações, com vistas ao ensino da leitura; e a micro categoria iii.i) estratégias para o envolvimento docente nas formações destinadas ao ensino da leitura. Para discutir os dados referentes ao ensino inicial da leitura, recorreremos a estudos de pesquisadores(as), entre os quais: Soares (1998, 2015, 2016); Morais (2005, 2012); Cafiero (2005, 2010); Ferreiro e Teberosky (1985); Solé (1998); Lerner (2002); Smolka (2013). Para os estudos concernentes à formação continuada docente, em linhas gerais, ou, nas especificidades voltadas para o ensino inicial da leitura, buscamos aporte em Freire (1996); Perrenoud (1997); Alarcão (2000); Kramer (2001); Nóvoa (2008); Imbernón (2010), dentre outros(as).

Conclusões: Os resultados evidenciam que as professoras ao desenvolverem ações de ensino da leitura, o fazem na intenção de favorecer aos estudantes o estabelecimento de relações com os textos, para aquisição de saberes escolares e extraescolares, além de proporcionar uma formação leitora que busque/encontre



prazer nessas práticas. Quanto aos conteúdos requeridos para os encontros formativos, as alfabetizadoras elencam aqueles voltados especificamente para o ensino da leitura, e outros que abrangem contextos variados, mas que, conforme os sujeitos oportunizam o desenvolvimento de práticas significativas para o ensino inicial da leitura. Outro aspecto identificado foi que a articulação teoria/prática consiste na demanda mais recorrente nas falas das docentes.

Palavras-chave: Demandas de formação continuada; Docentes alfabetizadoras; Ensino da leitura.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita**: Formação de Professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly OLIVEIRA, Maria Marly de. **Metodologia Interativa**: um processo hermenêutico dialético. Interfaces Brasil/Canadá, Revista Brasileira de Estudos Canadenses PORTO ALEGRE, V1, N.1, 2001.

SOARES, Magda. **Projeto Alfalettrar – Ler e escrever, um direito de toda criança**, 4 ed. Secretaria de Educação Lagoa Santa, 2015. (Apostila).

NEURODESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO DE CRIANÇA COM TEA: IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO PRECOCE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Franklin Façanha da Silva ¹

¹ Especialista, Docente na Façanha Consultoria e Cursos. Estudante do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Neuroeducação da UNESA – Universidade Estácio de Sá -
e-mail: facanha@facanhaconsultoria.com.br

Introdução: Este estudo objetivou avaliar de que forma a compreensão do neurodesenvolvimento atípico em crianças de até sete anos diagnosticadas precocemente com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode auxiliar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de crianças dentro do espectro autista, em vista do período de maior plasticidade cerebral. Esta pesquisa ganha natural relevância diante da quantidade crescente de pessoas diagnosticadas com TEA e que precisam ser estimuladas desde muito cedo para se auferir ganhos na sua autonomia e que seja possível o desenvolvimento de ferramentas cognitivas que possibilitem a sua alfabetização. Segundo Gomes (2015), é imperioso que o professor esteja atento aos sinais do autismo e as dificuldades apresentadas pelos alunos atípicos, de modo que possa oferecer o suporte necessário, através de ferramentas didáticas e pedagógicas, para se garantir a alfabetização destas crianças.

Metodologia: Para atingir os objetivos foi realizada uma revisão de literatura qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, com bases primárias em livros especializados em neurodesenvolvimento e aprendizado de crianças com autismo.

Resultados e discussões: A dificuldade de interação social e atraso na fala, característicos das crianças com TEA, representam desafios ao processo de alfabetização destas crianças, porém não podem ser impeditivas para o processo de alfabetização e letramento, uma vez que as características do TEA não estão relacionadas a capacidade cognitiva, são apenas comportamentais. Assim pesquisa se busca demonstrar como a compreensão do neurodesenvolvimento atípico e da plasticidade cerebral pelos professores alfabetizadores podem auxiliar no processo de alfabetização de crianças com TEA. O diagnóstico precoce é importante para para que se possa iniciar a estimulação e aproveitar a neuroplasticidade de crianças com TEA (RELVAS, 2015, p. 82). A influência interativa dos genes e da experiência molda o desenvolvimento do cérebro. Embora o debate genética-ambiente certamente seja anterior a existência do próprio campo da educação, a pesquisa sobre o desenvolvimento inicial do cérebro tem destacado a importância do ambiente social na formação da estrutura física do cérebro (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 151). Portanto, para Silva, Gaiato e Reveles (2012) o melhor caminho a uma vida mais digna e plena para uma pessoa autista é o diagnóstico precoce. Trata-se inegavelmente de um caminho assertivo a seguir, mas que não se perfaz em si, pois, para garantir a alfabetização das crianças com TEA, é necessário estímulo contínuo

e integração entre os profissionais de saúde, educação e família. Sob essa ótica, ganha particular relevância o treinamento adequado dos profissionais para melhor atender a pessoa com essa condição.

Conclusões: Foi possível perceber a importância do diagnóstico precoce, possibilitando a estimulação integrada e contínua, utilizando a pouca idade como um fator determinante para a neuroplasticidade, que será um fator essencial no processo de alfabetização e letramento, de modo a se garantir autonomia destas crianças na vida adulta. Por fim, observou-se que a identificação dos sintomas do TEA se apresenta desde o início da vida escolar, a partir dos 2 anos de idade, devendo o professor alfabetizador estar atento aos mesmos, para que possa tanto comunicar a família, como garantir a estimulação precoce e necessária, a fim de amenizar as lacunas do desenvolvimento atípico para garantir a alfabetização e letramento destas crianças.

Palavras-chave: Aprendizagem; Alfabetização; Neuroplasticidade; Transtorno do Espectro Autista.

Referências

GOMES, Camila Graciella Santos. **Ensino de leitura para pessoas com autismo**. 20. ed. Curitiba: Appris, 2015. 133 p.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Tradução Carla Filomena Marques Pinto Vercesi. 12. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013. 800 p.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. 144 p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: Entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 287 p.

OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA EJA

Érica Cristina Pereira da Silva¹
Carmi Ferraz Santos²

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia- DEd – UFRPE –
e-mail: ericapereirasilva@gmail.com

² Docente/pesquisadora do Departamento de Educação– DEd – UFRPE –
e-mail: carmiferraz@gmail.com

Introdução: Este trabalho surgiu do interesse de compreender como o letramento é vivenciado na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos— EJA, fenômeno caracterizado recentemente na literatura nacional, definido por Soares (1998), como o conjunto de práticas sociais de usos da leitura e da escrita. Além disso, considera o desejo de muitas pessoas na EJA, de não só aprender a ler e escrever, mas de aprender sobre as possibilidades de usos da escrita e de se apropriar da escrita como possibilidade de mudar sua condição na vida social. Para tanto, buscou-se analisar como os gêneros textuais estavam inclusos no processo de ensino da leitura e da escrita em uma turma da EJA. Sendo os objetivos específicos os seguintes: identificar quais gêneros textuais foram lidos e produzidos nas aulas de Língua Portuguesa; identificar os conteúdos temáticos trabalhados a partir desses gêneros, e, por fim, analisar a relação entre o processo de ensino da leitura e da escrita e o trabalho com os gêneros textuais desenvolvidos.

Metodologia: A pesquisa foi caracterizada pela aproximação física com o campo e pela abordagem qualitativa. O estudo foi dedicado ao caso de uma professora da 2º fase da EJA, cuja turma tinha 20 estudantes, faz parte de um projeto da iniciativa privada, que oferece aulas gratuitas, em um ambiente com ampla estrutura. Foram observadas 10 aulas consecutivas, sistematizadas no diário de campo da pesquisadora, focando os materiais lidos e produzidos, os temas abordados e o trabalho pedagógico referente aos gêneros e ao ensino de leitura e escrita, analisados a partir das categorias: gêneros textuais, leitura e escrita.

Resultados e discussões: O panorama do ambiente revelou a ocorrência de dois grupos de escritos, os que foram suporte para a aula, dos quais os mais utilizados foram os questionários e os textos expositivos, estes últimos, usados para apresentar conteúdos e outros gêneros textuais. E que também limitaram as experiências de leitura de outros materiais. O segundo grupo de textos, tomados como objeto de estudo (carta/envelope/selo, hq, entrevista), incluíram exposições pertinentes à sua qualidade de gênero textual e alteraram, em alguns aspectos, a forma de ensinar leitura e escrita, por exemplo, no ajuste do registro em função da finalidade do texto (carta/envelope). No entanto, na maioria dos casos o uso dos materiais não era efetivo e as discussões mais basilares da alfabetização aconteceram esporadicamente e sem sistematização, pois as aulas estavam centradas na apresentação de elementos como função e características dos gêneros textuais.



Conclusões: O que é fundamental no modo de ensinar da professora está assentado em concepções tradicionais, expositiva, entretanto, mesmo em suas contradições teórico-metodológicas, percebe-se a inclusão de aspectos relevantes sobre estrutura e função social dos gêneros, na consideração dos interlocutores no processo de escrita, no desenvolvimento de estratégias de leitura etc. Assim, o conflito percebido ao longo das observações, evidencia uma tentativa de renovação das formas de ensinar leitura e escrita.

Palavras-chave: Letramento; Gêneros textuais; Educação de Jovens e Adultos.

Referências

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M.C.B. Trabalhar com texto é trabalhar com gênero? In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C.B. (Orgs) **Diversidade textual os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.27-42.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA À LUZ DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRECONIZADA NO PNAIC

Fabiola Mônica da Silva Gonçalves ¹

Larissa Ribeiro Florentino ²

Laylla Cristiane de Moura Carvalho ³

¹ Docente do Departamento de Educação – CEDUC – UEPB - e-mail: francesfabiola@gmail;

² Graduada em Psicologia – CCBS- UEPB - e-mail: larissaflorentinoribeiro@gmail.com;

³ Graduada em Psicologia - CCBS – UEPB – e-mail: layllacmoura@gmail.com

Introdução: A noção de linguagem assumida neste trabalho pauta-se na perspectiva constitutiva do sujeito no contexto histórico-cultural do qual participa, compreendendo que as práticas de linguagem favorecem desenvolvimento humano gerados em processos de mediação intercultural que colocam em relevo o processo educativo como espaço pedagógico que favorece a pluralidade cultural que coexistem num grupo social. Nessa direção, assume-se o texto como unidade comunicativa que não se limita ao linguístico, uma vez que ele deriva da ação psicossocial que o produz. Ao destacar as condições de produção de leitura do texto na escola, no que se refere especificamente ao contexto histórico-cultural, faz-se necessário considerar os documentos que sintetizam os discursos sociais, os significados e sentidos que determinam, condicionam a subjetividade e as condições objetivas do ensino e da aprendizagem da leitura. Diante dessa necessidade de voltar-se para um documento que orienta as ações dos professores no Brasil, encontra-se a proposta do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Este foi criado em 2012 e tem como propósito garantir que as crianças brasileiras sejam alfabetizadas plenamente até os oito anos de idade. Este trabalho tem como objetivo geral investigar as condições de ensino e aprendizado da leitura em salas de aulas de professores que passaram pela formação continuada do PNAIC, e como objetivos específicos: (i) identificar as estratégias de ensino da leitura conduzidas por uma professora em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental; (ii) analisar a rotina do planejamento de ensino-aprendizagem dessa turma em relação ao eixo da leitura e; (iii) verificar os materiais didáticos utilizados pela professora durante o processo observacional.

Metodologia: Neste sentido, foi realizado um conjunto de observações de aulas em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campina Grande/PB, cuja professora participou da formação continuada do PNAIC. Para a construção de dados foram realizadas observações participantes na sala de aula, entre março e junho de 2018, conforme calendário pedagógico da Secretaria Municipal de Educação desta cidade. As observações foram encerradas à medida que as estratégias de ensino-aprendizagem da leitura começaram a se repetir, sendo guiadas pelo critério de saturação das estratégias utilizadas pelo professor.

Resultados e discussões: Em linhas gerais, os resultados evidenciaram que as estratégias de leitura utilizadas pela professora com a turma participante da pesquisa se configuraram mais com o propósito de auxiliar a criança na apreensão do sistema de escrita alfabética, tendo como material didático mais utilizado, o livro didático.

Conclusões: A atividade de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental é de essencial importância para o exercício da cidadania, por promover a autonomia do sujeito nos múltiplos contextos sociais e culturais dos quais participa. Assim como preconizado pelo PNAIC, no processo de formação continuada do professor alfabetizador a leitura ocupa um lugar de destaque. No entanto, nas aulas observadas, a prática de leitura trabalhada enfatizou a apreensão do sistema de escrita alfabética, e pouco se evidenciou práticas de leituras que se voltassem para a compreensão textual. Embora o PNAIC defenda a proposta pedagógica de alfabetizar letrando, e por meio de situações de aprendizagem que explorem os gêneros textuais nas práticas de leitura para que se possa favorecer a construção do leitor integral.

Palavras-chave: *Práticas de Leitura; Formação de Professores; PNAIC.*

Agência de fomento: *Programa de PIBIC/UEPB (Cota 2017-2018)*

Referências

AGUIAR, W. M. J., LIEBESNY, B., MARCHESAN, E. C., SANCHEZ, S. G. Reflexões sobre sentido e significado. In BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs). A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB. 2012a.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: *concepções e princípios*: ano 1: unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB. 2012b.

CAVALCANTI, J. A leitura e a educação intercultural: exigência de novas práticas educativas. *Tendências Pedagógicas*. Nº 23, 2014.

PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: A VIDA EM BIOGRAFEMA

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju ¹
Sônia Regina da Luz Matos ²
Flávia Brocchetto Ramos ³

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul- UCS e Professora da rede particular de São Marcos, Rio Grande do Sul – RS - e-mail: vicmaruju@yahoo.com.br

² Doutora Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul - e-mail: srlmatos@ucs.br

³ Dr. Letras. Professora no PPGEdu/UCS. Pesquisadora CNPq, Líder do grupo Linguagem e Educação cadastrado no CNPq - e-mail: fbramos@ucs.br

Introdução: Implicada com a leitura literária e com a escrita no Ensino Médio, a pesquisa *Práticas de Leitura Literária e Escrita no Ensino Médio: a vida em biografema* toma a vida como matéria para as experimentações com o ler e o escrever nessa etapa final da Educação Básica; a fim de problematizar as demandas utilitárias que limitam essas práticas à preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Desse modo, tivemos como objetivo de pesquisa biografemar os fluxos de *inutiliza* das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina de escritura-biografemática.

Metodologia: Metodologicamente, o biografema constitui-se pelo modo como lemos e escrevemos com as vidas que nos tocam. Nesse sentido, tramou-se um combate às demandas utilitárias pelas *inutilizas* da língua em uma oficina de escritura-biografemática com as vidas-de-estudante de uma turma de Ensino Médio em uma escola da rede estadual da cidade de Caxias do Sul – RS. Assumimos, portanto, o conceito de escritura do crítico literário francês Roland Barthes (2013) e de biografema (2003) e as *inutilizas* do poeta Manoel de Barros (2010).

Resultados e discussões: Enquanto prática de escritura-biografemática das *inutilizas* de uma língua, as experimentações com o ler e o escrever engendradas por uma-vida-de-professora-pesquisadora constituíram-se no seu combate (COSTA, 2017) à redacionalização da vida no Ensino Médio. Um combate que tensiona a perspectiva utilitária da língua e sua preparação para um futuro de sortidos propósitos. O combate instaurado pela escritura-biografemática das *inutilizas* da língua oferece abrigo para problematizar as demandas úteis e preparadoras do futuro redacional de uma vida, a fim de questionar a dupla: utilidade e futuro, que andam sempre de mãos dadas e têm como propósito desconsiderar o que se passa no aqui e no agora das vidas com elas implicadas. Logo, as práticas de escritura-biografemática possibilitaram tanto as vidas-de-estudante quanto a uma vida-de-professora-pesquisadora experimentar um escape mínimo à redacionalização da vida, ao criar

condições e possibilidades para dar visibilidade às *inutilidades* da língua e não apenas a sua utilidade.

Conclusões: Portanto, a presente pesquisa trouxe contribuições significativas em relação à constituição de práticas menos utilitárias de lidação com a leitura literária e a escrita no Ensino Médio ao possibilitar experimentações que contemplaram também os aspectos éticos e estéticos que as constituem. Temos como resultado final das experimentações nas oficinas de escritura-biografemática a constituição de cinco vidas-clichês em biografema, a saber: vida-maternidade, vida-sonho, vida-sucesso, vida-infância, vida sortidos e *uma-vida* como um modo de escape à redacionalização da vida no Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino Médio; Escrita; Biografema; Formação de Professores.

Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. São Paulo: Editora Planeta, 2010. 32 p. Iluminuras de Martha Barros.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 214 p. Tradução Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 231 p. Tradução Leyla Perrone-Moisés.

COSTA, Luciano Bedin da. **AINDA ESCREVER: 58 Combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editor, 2017. 74 p. (Móbile - Coleção de míni-ensaios).



PROGRAMA MAIS ALFABETIZAÇÃO E SUA RECEPÇÃO POR PROFESSORES E GESTORES: AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM OS PROCESSOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Andreza de Santana Taveira ¹
Orientador/a: Magna do Carmo Silva ²

¹ Graduada em Pedagogia - CE – UFPE e-mail: andreza.taveira@hotmail.com

² Docente/pesquisador do DPOE – CE – UFPE – e-mail: magna_csc@yahoo.com.br

Introdução: Esta pesquisa teve como o objetivo de investigar a recepção do Programa Mais Alfabetização (PMALFA) pelos professores e gestores bem como a sua possível relação com os processos de ensino e de avaliação desenvolvidos no Ciclo de Alfabetização. Os estudos apresentados, a seguir, foram subdivididos em três partes: (i) iremos tratar da avaliação, seus conceitos e pressupostos; (ii) fizemos algumas reflexões sobre o ciclo de alfabetização e a avaliação do ponto de vista do ensino e da aprendizagem; (iii) apresentamos algumas ideias iniciais sobre o Programa mais alfabetização (PMALF).

Metodologia: Os procedimentos metodológicos adotados foram: entrevista e Análise Documental. Analisamos as Matrizes de Referências das avaliações da escrita presentes nos documentos oficiais do PMALFA e as avaliações diagnóstica, de percurso e a somativa aplicadas pelo programa. A entrevista semiestruturada foi aplicada a uma professora, um assistente de alfabetização, uma gestora, uma supervisora e uma coordenadora do programa PMALFA do município de Jaboatão dos Guararapes.

Resultados e discussões: (i) Verificamos que todas as entrevistadas demonstraram não conhecer o que fomentou a criação do PMALFA; no entanto, reconhecem a sua necessidade. Apesar de mais da metade das entrevistadas destacarem que o PMALFA pode contribuir com o processo de aprendizagem das crianças na alfabetização, através do auxílio dado pelo assistente de alfabetização, ficou claro que isso só acontece se o professor tiver uma concepção de alfabetização que considera a construção do conhecimento sobre o SEA pelas crianças. As maiores contribuições do PMALFA, segundo as entrevistadas, é a participação do assistente, o monitoramento do processo, a parceria entre professor e a assistente e a verba destinada ao programa. No que diz respeito às dificuldades do PMALFA, destacou-se: a inoperância do sistema; a falta de adequação e compressão dos professores na fase inicial; o fato de o assistente ser uma pessoa que adere ao programa de forma voluntária e, muitas vezes, não tem a formação adequada; a falta de um monitor que desse um suporte às escolas. (ii) No que concerne à análise da Matriz de Referência das avaliações e dos instrumentos avaliativos do 1º ano e 2º ano do PMALFA e sua relação com os processos de ensino e de avaliação desenvolvidos no Ciclo de Alfabetização, destacamos que: em relação ao conhecimento das letras, tanto a matriz de referência como as avaliações do 1º ano e 2º ano trazem descritores

importantes para o processo de alfabetização, mas deixam de explorar outros que são imprescindíveis para o processo de apropriação e consolidação do SEA. Em se tratando das relações entre as unidades sonoras de palavras, (sílabas) e suas correspondentes na escrita (consciência silábica), principalmente CV, CCV, CVC, todos os documentos abordam o contar e comparar a quantidade de sílabas de palavras e identificar sílaba escrita de palavra, em variadas posições. Existem várias atividades que exploram que o estudante pense na palavra no nível da sílaba e efetue operações mentais envolvendo esses sons, confrontando-se com as suas formas escritas. Fazemos, no entanto, uma ressalva pelo fato de não serem contempladas atividades que avaliem a consciência fonêmica. Nesse sentido, a matriz e as avaliações não apresentam atividades que explorem: formar sílabas pela troca de letras com pares mínimos; formar palavras pela troca/acrécimo/retirada de letras; formar palavras ordenando sílabas; formar palavras com a quantidade de sílaba solicitada comparar palavras pela troca/acrécimo/retirada de letras; contar e comparar a quantidade de letras na palavra, dentre outras atividades importantes no processo de alfabetização. Em relação ao conhecimento das letras, tanto a matriz de referência como as avaliações do 2º ano trazem: Explorar e memorizar a ordem alfabética (letras e em palavras); Identificar tipos de letras (maiúscula/minúscula; cursiva/imprensa); Avaliar as relações entre os nomes e a escrita espontânea da criança; No entanto, não trazem a identificação de letras (vogal e consoante). Esse é um descritor comum para se trabalhar nas turmas de 1º ano e 2º ano, mas que não foi explorado nas avaliações, ambos os anos.

Conclusões: Destacamos algumas lacunas do PMALFA, percebidas desde a implementação, execução e, por fim, falta de avaliação. Consideramos que os programas instituídos pelo governo federal possuem seu papel na implementação de políticas públicas; no entanto, destacamos que eles precisam ser constituídos e implementados tendo em vista o aporte teórico-prático já constituído e que faz parte das práticas docentes nas turmas de alfabetização.

Palavras-chave: PMALFA; Políticas Públicas; Clico de Alfabetização.

Referências

BRASIL. MEC. Portaria normativa nº 142, de 22 de fevereiro de 2018. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, n. 37, 23 fev. 2018. Seção 1, p. 54-55.

HOFFMAN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MORAIS, Artur Gomes. Sistema de Escrita Alfabética. São Paulo: Melhoramento, 2012.

SILVA, Assis Leão da; GOMES, Alfredo Macedo. Avaliação Institucional no Contexto do Sinaes: A CPA em Questão. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 16, n. 3, p. 573-601, nov. 2011. Acessado em 02-03-2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v16n3/v16n1a05>

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LEITURA ENTRE ESTUDANTES DE CORREÇÃO DE FLUXO ESCOLAR

Nathalie Sena da Silva¹

Orientador: Prof. Dr. Diógenes José Gusmão Coutinho²

Co-orientadora: Profa. Ma. Allyne Evellyn Gomes Freitas³

¹ Estudante do Curso de Mestrado em Ciências da Educação - EAD – ACU – e-mail: liesena1@yahoo.com.br;

² Pesquisador do Laboratório de Ecologia Aplicada e Fitoquímica agregado ao Depto de Botânica – CCB – UFPE – Docente da UNIBRA e da Faculdade Alpha – e-mail: gusmao.diogenes@gmail.com;

³ Pesquisadora/Estudante do Depto de Psicologia – CFCH – UFPE – Diretora Acadêmica da FAJOLCA – e-mail: allyne.evellyn@gmail.com

Introdução: Os/as educandos/as carregam de modo subjacente aos comportamentos diante da leitura as concepções que têm sobre ela. Essas representações podem mudar conforme novas vivências. Esta pesquisa parte da hipótese que discentes em atraso escolar agem passivamente frente à leitura por terem representações ancoradas em ideias negativas sobre ela, baseadas em experiências desagradáveis, dificultando a alfabetização. Essa conjectura originou o objetivo deste estudo: compreender as representações sociais de leitura elaboradas por oito estudantes – não alfabetizados e repetentes – de uma turma de correção de fluxo da rede municipal do Recife. Nessa perspectiva, adotou-se como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais (TRS) pela preocupação com a interrelação entre sujeito e objeto e como é construído o conhecimento do senso comum. A discussão da TRS baseou-se em autores/as como Moscovici (2001, 2012, 2015), Jodelet (2001, 2005, 2007, 2009, 2011) e Durkheim (1970, 2012).

Metodologia: Optou-se pela realização da pesquisa na turma de atuação da pesquisadora na docência. Destarte, o estudo está em consonância com as concepções de professor/a pesquisador/a e de professor/a reflexivo/a, que avalia sua *práxis* e constrói conhecimentos a partir disso. Realizou-se um estudo de caso como estratégia metodológica de investigação-ação, com abordagem qualitativa e modalidade etnográfica. Os instrumentos de produção de dados foram a observação participante, para verificação das relações do grupo com a leitura, e as entrevistas, para averiguação das transformações das representações. A análise dos dados pautou-se na proposição de Bardin (1979).

Resultados e discussões: Os resultados revelaram quatro categorias: concepções ancoradas em aspectos positivos, concepções ancoradas em aspectos negativos, concepções ancoradas na escolarização e concepções ancoradas no letramento. Verificaram-se transformações nas representações devido às novas experiências pedagógicas. No final do ano não havia indicadores ancorados em ideias negativas. Conclui-se que a hipótese foi confirmada. Mudanças nas representações impactaram positivamente na aprendizagem. Ao compararem suas ideias iniciais sobre a leitura com suas novas concepções após estarem alfabetizados os/as estudantes puderam refletir sobre suas atuações enquanto agentes ativos capazes de apontar os fatores

que auxiliaram na aprendizagem da leitura. Essa é uma constatação extremamente importante, pois dá à investigação um caráter não apenas explicativo, mas direta e explicitamente interventivo. Qualidade defendida por Jodelet (2007) como uma possibilidade útil de articulação entre estudos em representações sociais e práticas de intervenção.

Conclusões: O presente estudo, por ter sido desenvolvido sob o olhar de uma professora pesquisadora a partir de questões de pesquisa suscitadas no bojo de sua *práxis*, tendo como participantes seus/as próprios/as alunos/as, é um exemplo de como o conhecimento científico no âmbito da educação pode ser construído e reconstruído de forma atrelada à prática. Tornando-se, assim, instantaneamente profícuo. Conhecimento que é, inicialmente, útil aos envolvidos diretamente no estudo e, posteriormente, proveitoso em outros espaços a partir da sua socialização. O estudo deixa sua contribuição ao abordar as relações entre as representações de um objeto (leitura) e a sua aprendizagem (alfabetização), impulsionando reflexões sobre às colaborações da TRS à educação, atribuindo um olhar psicossocial ao processo educativo e às dificuldades presentes nesse percurso.

Palavras-chave: Alfabetização; Leitura; Repetência.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, p. 13-42, 1970

JODELET, Denise. Aportes del enfoque de las representaciones sociales al campo de la educación. **Espacios en Blanco**, vol. 21, junho, 2011, p. 133-154. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384539803006>. Acesso em: jul. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.



3 TEXTOS APRESENTADOS NA 2ª JORNADA – UFRPE

Tema:

**Formação de Professores no ensino de
Ciências e Matemática: Perspectivas
Interculturais**

A TEORIA DOS CAMPOS CONCEITUAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Girlane Caíta de Lima Correia ¹
Maria Fernanda Marinho Mendonça ²

¹ Estudante do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências – UFRPE – e-mail: correiagirlane25@gmail.com;

² Estudante do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências - UFRPE – e-mail: fernandahmarinhoo@gmail.com

Introdução: O estudo se caracteriza numa revisão bibliográfica sobre Formação de Professores e a Teoria dos Campos Conceituais (VERGNAUD, 1990, 1996), doravante (TCC), em eventos científicos e periódicos, no período abarcado entre 2011 e 2017. Com o intuito de analisar os aspectos teóricos e metodológicos dessas pesquisas para obtermos contribuições da Teoria dos Campos Conceituais na formação inicial e continuada de professores de matemática. A TCC de Gérard Vergnaud, analisa a aprendizagem como sendo um processo interativo entre os conceitos - conhecimentos - e as situações significativas dadas como operacionais nesse processo.

Metodologia: Delimitamos a natureza dos trabalhos que formariam o corpus da pesquisa, sendo estes os trabalhos publicados nos últimos anos do evento Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) e Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), bem como, nos periódicos Boletim de Educação Matemática (BOLEMA) e Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias (REEC). Buscamos focalizar nossa pesquisa em dois meios que abordam diretamente a Educação Matemática e outros dois que abordam o Ensino de Ciências. Os critérios para a escolha desses meios de pesquisa foram que trabalhassem com a Educação Matemática e o Ensino de Ciências, com classificação Qualis A1 pela CAPES e, no caso dos eventos, que fossem eventos indispensáveis para a área estudada, outro critério foi de que os trabalhos pudessem ter acessos online. A busca dos artigos foi executada considerando os sumários das últimas edições compreendidas entre 2011 e 2017, com intuito de encontrar artigos referentes ao tema, Formação de Professores e Teoria dos Campos Conceituais, recorreremos as palavras-chave e aos resumos dos trabalhos.

Resultados: Na busca inicial, foram encontrados muitos trabalhos referentes à formação de professores, no segundo momento, abordamos, nas buscas, a Teoria dos Campos Conceituais e obtivemos um número mais restrito de publicações. A partir destes resultados foram abordados critérios mais específicos para a seleção dos artigos: Formação de professores e Teoria dos Campos Conceituais; Teoria dos Campos Conceituais e o Livro Didático; e Campo aditivo e multiplicativo. Foram

selecionados 14 trabalhos ao todo. A análise dos artigos evidenciou que, das 14 pesquisas encontradas no período apreciado, tinham como objeto de estudo a Teoria dos Campos Conceituais na Matemática, 64% foram publicados no ENEM, 22% foram publicados no ENPEC, 14% no BOLEMA e nenhum artigo com a temática foi encontrado na REEC.

Conclusões: As perspectivas apresentadas por Vergnaud possibilitam reflexões e questionamentos da prática docente ao organizar as situações de ensino e de aprendizagem de conceitos que podem ser abordados em sala de aula de Matemática com discentes da Educação Básica. Evidenciamos que a relação desse estudo com a formação de professores ainda precisa avançar nas pesquisas, de modo a proporcionar maiores contribuições para o Ensino e aprendizagem de Matemática.

Palavras-Chave: Teoria dos Campos Conceituais, TCC, Formação de professores.

Referências

VERGNAUD, Gérard. La Théorie des Champs Conceptuels. **Recherches en Didactique des Mathématiques**. n.10, p.133-170. 1990.

VERGNAUD, Gérard. A Teoria dos Campos Conceituais. In: BRUN, Jean (org.). **Didáctica das matemáticas**. Tradução: Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 155-191.



IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DO PERFIL MULTICULTURAL DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA

Rafael Santos de Aquino ¹
Ana Maria dos Anjos Carneiro-Leão²
Vladimir Lira Veras de Andrade Xavier ³
Zélia Maria Soares Jófili ⁴
Nadja Maria Acioly-Régnier ⁵

¹ Aluno do Programa de Doutorado em Ensino de Ciências PPGEC/UFRPE, rafael.aquino@ifsertao-pe.edu.br;

² Orientadora, Professora Dr^a. do PPGEC/UFRPE - e-mail: ana.acleao@gmail.com;

³ Coorientador, Professor Dr. Do PPGEC/UFRPE - e-mail: vladiandrade@gmail.com;

⁴ Professora Dr^a. do PPGEC/UFRPE e-mail: jofili@gmail.com;

⁵ Professora, Dr^a. da Universidade Lumière Lyon 2, França - e-mail: nadja.acioly-regnier@univ-lyon1.fr.

Introdução: O multiculturalismo vem sendo objeto de interesse de diversos pesquisadores que militam na área da educação no Brasil e no mundo e para Zanin e Vecckia-Kaczmarek (2015) seus resultados têm apontado para uma concepção escolar que considere o caráter pluriétnico e pluricultural da sociedade. Para tratar o multiculturalismo numa instituição de ensino é necessário abordar a formação sensibilização dos professores, pois sem ela, o currículo não será multicultural, a gestão não será multicultural e a comunidade escolar não refletirá o multiculturalismo. Dessa forma Baumel (2004) afirma que ao se refletir sobre formação e atuação dos professores, não se pode relegar a um plano secundário ou menos importante a cultura enquanto visão multicultural. Já Zanin e Vecckia-Kaczmarek (2015) afirmam que é impossível pensar numa educação multicultural sem questionar sobre o professor e a sua formação. Considerando o Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE), *campus* Salgueiro, como uma escola rural e que apresenta uma comunidade multicultural pela presença de discentes quilombolas, sertanejos e indígenas *Atikum* e *Truká*, bem como professores oriundos de diversos estados do Nordeste e do Sudeste, essa pesquisa se justifica pelo fato de analisar, compreender e realizar proposições a respeito da multiculturalidade na formação dos docentes que atuam no curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária com o objetivo de investigar as concepções e as influências multiculturais no conhecimento e na prática dos professores, sejam tais concepções ou práticas, conscientes ou inconscientes.

Metodologia: O trabalho constitui-se de pesquisa de campo, através da aplicação de um formulário investigativo sobre a identificação da multiculturalidade no perfil dos professores do IF SERTÃO-PE, Campus Salgueiro, que atuam no curso de Ensino



Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária. Ao todo foram entrevistados 29 professores onde os formulários semiestruturados foram disponibilizados por aplicativo de celular e por e-mail através do Google Forms®. Os professores foram agrupados em duas grandes áreas: técnica e propedêutica para compreensão das diferenças formativas entre bacharéis ou tecnólogos e licenciados. Para o anonimato dos respondentes não houve a identificação de suas respectivas disciplinas.

Resultados e discussões: Sobre a formação acadêmica 40,74% dos professores são da área técnica em agropecuária. Já a área propedêutica conta com 59,26% dos professores. A maioria (92,6%) dos professores afirmou que não tiveram formação sobre multiculturalidade. E apenas 7,4% conheceram a temática na disciplina de Prática de Didática na licenciatura.

Conclusões: A formação inicial dos docentes que atuam no curso do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária não atendeu ao multiculturalismo. Os docentes que conheceram o multiculturalismo na graduação citaram a disciplina de Didática, revelando a influência da formação em Licenciatura sobre o tema.

Palavras-chave: cultura, formação de professores, Instituto Federal, multiculturalismo.

Agência de fomento: FACEPE

Referências

BAUMEL, R.C.R.C. **Formação de professores:** aportes multiculturais e o movimento de inclusão. *Educar*, n. 24, p. 149-161, 2004.

ZANIN, F.A.; VECCKIA-KAZCMAREK, M.D. Multiculturalismo, formação docente e o desafio da escola: algumas perspectivas. **XII Congresso Nacional de Educação – EDUCER**, PUC/PR, 26 a 29 de outubro de 2015.

PROCESSOS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMA MATEMÁTICO SOB A ÓPTICA DA METACOGNIÇÃO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES XADREZISTAS E NÃO XADREZISTAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Rafaela Silva dos Anjos ¹
Lúcia de Fátima Araújo²
Ross Alves do Nascimento³

¹ Mestra em Ensino das Ciências e Matemática pela UFRPE - e-mail: alinerrafaela33@gmail.com

² Docente/Pesquisadora do PPGECC da UFRPE - e-mail: luciaaraujo@hotmail.com;

³ Docente/Pesquisador do Departamento de Educação da UFRPE- e-mail: ross.n58@gmail.com

Introdução: O estudo comparou o processo de resolução de um problema matemático por meio da metacognição de 10 estudantes dos Anos Finais, composto por 5 xadrezistas e 5 não xadrezistas, emparelhados pela turma, idade, gênero e desempenho em Matemática. Não houve diferenças na mobilização de estratégias metacognitivas proposta por Araújo, (2009) e Lucena, (2013). Porém, os xadrezistas usaram um tempo maior, possivelmente por se sentirem desafiados, remetendo a um comportamento desenvolvido pela prática enxadrística. Partimos da problemática: Existe diferença entre um xadrezista e não xadrezista na mobilização de estratégias metacognitivas durante a resolução de problemas?

Nos ancoramos no estudo de Lopes (2012) que constatou que os xadrezistas se saíram melhores em relação a não xadrezistas, resolvendo problemas propostos pela Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas-OBMEP

Metodologia: Emparelhamos 5 estudantes que faziam parte da Liga de Xadrez Escolar com seu colega de turma, não xadrezista, da mesma idade e gênero. Contemplamos 2 escolas de ensino privado e 1 da rede pública. O procedimento foi a aplicação individual de um problema matemático sem uma solução convencional, sendo vídeo-gravado e registrado no diário de bordo. Posteriormente, categorizamos conforme as estratégias metacognitivas de ordem Pessoal (autoavaliação), Procedimento (utilização de regras matemáticas) e Compreensão do Problema (verificação se a solução atende ao que foi solicitado) propostas por Araújo (2009). Como também a estratégia metacognitiva da Ordem do Conhecimento (ligado ao conteúdo matemático) sugerido por Lucena (2013).

Resultados e discussões: xadrezistas e não xadrezistas mobilizaram as estratégias metacognitivas de forma similar durante a resolução do problema. Entretanto, os xadrezistas usaram mais tempo em relação aos seus pares, conforme apresentado no Quadro 1:

Quadro 1- Gestão do Tempo: Xadrezistas e Não Xadrezistas

Duplas	Xadrezistas	Não xadrezistas
1 ^a	20 min e 02 segs.	4 min. E 16 segs.
2 ^a	30 min e 23 segs.	5 min e 11 segs.
3 ^a	28 min e 22 segs.	30 min e 11 segs.
4	24 min e 58 segs.	0
5 ^a	37 min e 57 segs.	7 min e 45 segs.

Fonte: Os autores (2019)

Conclusões: Xadrezistas e Não xadrezistas não apresentaram diferenças na adoção de estratégias metacognitivas. Contudo, xadrezistas dedicaram mais tempo no processo de resolução, testando diversas possibilidades, demonstrando uma característica da prática enxadrística.

Palavras-chave: Resolução de Problemas; Metacognição; Xadrez Escolar.

Referências

ARAÚJO, L. de F. **Rompendo o contrato didático: a utilização de estratégias metacognitivas na resolução de problemas algébricos.** 2009. 302 f. Tese

LOPES, A. C. **O jogo de xadrez e o estudante: uma relação que pode dar certo na resolução de problemas Matemáticos.** *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 2, n. 14, p.35-52, fev. 2012.

LUCENA, A. M. **A metacognição no livro didático de matemática: um olhar sobre os números racionais.** 2013. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife. 2013



ISBN: 978-65-00-04986-2

CRL



9 786500 049862